

METAS DO
DESENVOLVIMENTO
DA PSICANÁLISE

COLEÇÃO HISTÓRIAS DA PSICANÁLISE

METAS DO DESENVOLVIMENTO DA PSICANÁLISE

SOBRE A INTERAÇÃO DA TEORIA E DA PRÁTICA

OTTO RANK
SÁNDOR FERENCZI

André Carone TRADUÇÃO

Gustavo Dean-Gomes POSFÁCIO



SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
I. INTRODUÇÃO	15
II. A SITUAÇÃO ANALÍTICA	21
2.1. O PROCESSO PERCORRIDO PELA LIBIDO E SUAS FASES	21
2.2. A DISSOLUÇÃO DA FIXAÇÃO DA LIBIDO NO MOMENTO DA VIVÊNCIA	35
III. RETROSPECTIVA HISTÓRICO-CRÍTICA	43
IV. SOBRE A INTERAÇÃO DA TEORIA E DA PRÁTICA	59
V. RESULTADOS	69
VI. HORIZONTES	73
POSFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA	85
BIBLIOGRAFIA	111
CRONOLOGIA – SÁNDOR FERENCZI	115
CRONOLOGIA – OTTO RANK	119

NEUE ARBEITEN ZUR ÄRZTLICHEN PSYCHOANALYSE
HERAUSGEGEBEN VON PROF. DR. SIGM. FREUD
HEFT I

Entwicklungsziele der Psychoanalyse

Zur Wechselbeziehung von
Theorie und Praxis

von

Dr. S. Ferenczi

und

Dr. Otto Rank



INTERNATIONALER PSYCHOANALYTISCHER VERLAG
LEIPZIG / WIEN / ZÜRICH

PÁGINA ANTERIOR: IMAGEM DA FOLHA DE ROSTO DA EDIÇÃO ORIGINAL DE 1924,
PUBLICADA PELA INTERNATIONALER PSYCHOANALYTISCHER VERLAG

PREFÁCIO

De uma conversa a respeito dos problemas atuais da psicanálise no verão de 1922, surgiu o plano de um trabalho comum que abordasse e solucionasse certas dificuldades práticas e teóricas que eram percebidas por nós e – como estamos autorizados a supor – também por outros. A parte crítica do trabalho foi concebida e redigida por um autor (Ferenczi), e a seção positiva (“A situação analítica”) por outro (Rank); a primeira versão de ambas as partes estava pronta antes do Congresso Psicanalítico de Berlim (Setembro de 1922) e foi reelaborada mais adiante em parceria.

Neste Congresso o professor Freud definiu a “relação entre a técnica analítica e a teoria analítica” como o tema do concurso que premiaria um trabalho que deveria investigar “em qual medida a técnica influenciou a teoria e em qual medida uma incentiva ou prejudica a outra nos tempos atuais”.

Como este tema possuía uma relação muito próxima com a problemática que havíamos abordado, era natural que nossas reformulações seguissem na mesma direção do tema proposto pelo concurso. E assim tentamos dar conta da tarefa pela elaboração de uma nova seção a respeito das interações de teoria e prática, além de modificações do texto. Apesar da tentativa, não conseguimos contemplar a questão central, razão que nos fez desistir de participar do concurso que, de resto, não teve um resultado final.

Neste intervalo abriram-se para nós as mais novas e variadas perspectivas, cuja exploração fomos obrigados a adiar até que fosse possível encerrar este trabalho na sua forma presente. Este relato a respeito de sua elaboração poderá perdoar suas lacunas e incongruências.

Klobenstein am Ritten, agosto de 1923.

“... Observar meramente alguma coisa não pode nos mover. Todo ver deságua em um observar, todo observar em um sentir, todo sentir em um correlacionar, e assim podemos afirmar que a cada olhar atento dirigido ao mundo nós já teorizamos.

Mas para fazê-lo e empreendê-lo com consciência, conhecimento de si, liberdade e, para empregar um termo ousado, com ironia, é necessária essa aptidão para que a abstração, que nos desperta receio, não seja danosa, e o resultado que aguardamos na experiência possa ser vivo e útil”.

Goethe

I. INTRODUÇÃO

Sabemos que, em um intervalo de aproximadamente trinta anos, o método psicanalítico transformou-se de mero procedimento médico-terapêutico destinado ao tratamento de determinadas perturbações neuróticas em uma abrangente construção teórico-científica que se ampliou de modo gradual, mas constante, e que parece abrir caminho para uma nova concepção de mundo.

Caso alguém quisesse retrazar com detalhes os passos deste desenvolvimento, examinando a metodologia terapêutica e a técnica médica por um lado e a sua construção científica por outro, isso não representaria mais do que a redação de uma sequência da “Contribuição à história do movimento psicanalítico”.¹ Ao assumir essa tarefa que permanece sem solução até hoje, seria impossível não tocar em questões que nitidamente ultrapassam o tema da psicanálise, e que teriam como objeto a relação entre os fatos que são abordados por uma ciência e a própria ciência. Se na realidade essa tarefa já é extremamente difícil por conduzir a questões fundamentais que envolvem toda a nossa metodologia científica, ela passa a ser praticamente insolucionável para a psicanálise, que vive um processo de desenvolvimento do qual participamos diretamente – por assim dizer, na condição de representantes interme-

1 FREUD, S. Contribuição à história do movimento psicanalítico. In: *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 [1914], v. 11, p. 245-327.

diários de dois grupos, o médico-terapêutico e o teórico-científico – e assim nós dificilmente poderíamos formular uma concepção objetiva a respeito da matéria.

De fato, não é possível negar que uma crescente desorientação tomou conta dos analistas nos últimos anos, sobretudo no que diz respeito a questões prático-técnicas. Em contraponto à rápida expansão da teoria psicanalítica, o fator técnico-terapêutico, que antes havia representado o núcleo originário dessa questão e o verdadeiro estímulo para estes progressos da teoria também foi claramente negligenciado pela literatura.² Isso poderia criar a impressão de que o desenvolvimento da técnica teria cessado, sobretudo se considerarmos que o próprio Freud tenha sido muito reticente a esse respeito, a ponto de, por exemplo, não ter publicado em quase dez anos um único trabalho com orientações a respeito da técnica. Seus poucos artigos sobre a técnica (reunidos na coleção de “Artigos sobre técnica”)³ representaram até mesmo para os analistas que não haviam se submetido às análises a única orientação para o seu fazer terapêutico, muito embora na avaliação do próprio Freud eles fossem incompletos e ultrapassados em determinados aspectos por desenvolvimentos posteriores, e aparentemente exigissem uma modificação. Temos assim uma explicação para o fato de que vários entre aqueles analistas que se dedicaram a estudar essa literatura

2 Encontramos uma exceção nos esforços de Ferenczi para fundamentar a necessidade de uma intervenção ativa no interior da técnica – esforços que os analistas, contudo, ou ignoraram ou compreenderam incorretamente, talvez porque ao apresentar esse novo ponto de vista o autor não tivesse enfatizado a importância de informar o leitor a respeito da inserção dessa perspectiva na teoria e na técnica preexistentes. (ver em especial FERENCZI, S. Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise. In: *Obras completas*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes. 2011[1921], v.3, p.117-135.

3 FREUD, S. Artigos sobre técnica. In: *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1911-1913], v. 10, p. 122-228.

apegaram-se rigidamente às regras técnicas e não descobriram a sua relação com os avanços que a ciência psicanalítica havia realizado neste período.

Descontentes com esse estado de coisas, nós nos sentíamos repetidas vezes impelidos a colocar de lado a atividade prática para demonstrar a validade de tais dificuldades e problemas. Em meio ao percurso também descobrimos que nesse período a nossa capacidade técnica havia realizado avanços cujo significado não era pequeno, e dos quais a compreensão e avaliação consciente nos havia permitido ampliar consideravelmente o nosso saber. Por fim consideramos que era preciso, em vista da evidente demanda por um esclarecimento dessa situação, comunicar nossas experiências para outros, e acreditamos que o melhor modo de o fazer seria tentar inicialmente explicar como praticamos hoje a psicanálise e o que compreendemos sob este nome. Somente depois disso poderemos compreender as causas das dificuldades manifestadas hoje por toda parte e apresentar, como esperamos, uma solução para elas.

Primeiramente é preciso retomar a última contribuição freudiana sobre “Recordar, repetir e elaborar” (1914), que atribui um valor desigual aos três fatores mencionados. O recordar é apresentado como a meta verdadeira do analista, enquanto a vontade de reviver alguma coisa em vez de recordá-la é considerada como um sintoma de resistência, e assim recomenda-se que ela seja evitada. Pela perspectiva da compulsão à repetição, no entanto, além de ser absolutamente inevitável que o paciente repita passagens inteiras de seu desenvolvimento durante o tratamento, a experiência também mostrou que estas são precisamente as passagens que não estão ao alcance da recordação, de tal maneira que não resta ao paciente outro caminho a não ser reproduzi-las, como também não existe para o analista um outro caminho que lhe permita acessar o material inconsciente genuíno. Trata-se apenas de compreender essa

forma de comunicação ou, quem sabe, de linguagem gestual, como Ferenczi a denominou, e explicá-la para o paciente. Ademais, os sintomas neuróticos, como ensinou Freud, não são outra coisa senão comunicações deformadas no modo de expressão do inconsciente, não compreendidos no início.

A necessidade prática que nasce com essa compreensão consistia não apenas em deixar de inibir as tendências à repetição na análise⁴ como a incentivá-las, partindo da premissa de que se sabe como dominá-la, pois do contrário simplesmente não é possível trazer à tona o material decisivo para que ele se manifeste e encontre uma resolução; por outro lado, certas resistências – que provavelmente possuem fundamento biológico – opunham-se com frequência à compulsão à repetição, sobretudo sentimentos de culpa e angústia que só poderiam ser vencidos por meio de uma intervenção ativa, compreendida como um incentivo à repetição. Passamos assim a atribuir o protagonismo na técnica analítica não mais à recordação, e sim à repetição. Mas não se deve compreender isso como uma mera dissolução dos afetos em “vivências”, e sim como algo que consiste em uma admissão e dissolução gradual, como explicaremos mais adiante, ou seja, na transformação do conteúdo reproduzido em lembrança atual.

Podemos contemplar e organizar os avanços constatados por esse balanço geral de nossos estudos sob dois aspectos. Do lado da técnica, trata-se indiscutivelmente do predomínio da “atividade”, compreendida como um incentivo direto para a tendência à repetição no tratamento, que até agora havia sido negligenciada ou

4 Por isso, aliás, muitas vezes ela se afirma na realidade em detrimento da análise, especialmente no que concerne à vida amorosa (relacionamentos, casamentos, separações), que geralmente na análise permanece em estado de privação.

percebida como uma perturbação colateral. Pela perspectiva teórica, trata-se de uma apreciação complementar da destacada importância da compulsão à repetição já assinalada por Freud com relação às neuroses.⁵ Esta última percepção permite uma compreensão da “atividade” e fundamenta sua necessidade em termos teóricos. Acreditamos, portanto, que não contradizemos Freud sob nenhum aspecto ao abrirmos na terapia um espaço para a compulsão à repetição que lhe foi concedido na vida anímica em termos biológicos.

5 FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1920], v. 14, p.161-239.

II. A SITUAÇÃO ANALÍTICA

2.1. O PROCESSO PERCORRIDO PELA LIBIDO E SUAS FASES

Antes de esboçarmos os traços elementares do atual estado da análise que é aplicada à terapia, queremos afastar a impressão de que lidamos com uma exposição detalhada de sua técnica. Embora essa exposição seja possível como uma contribuição à literatura, ela deve ficar reservada a um trabalho que possuiria uma orientação inteiramente diversa.⁶

Partindo dos fundamentos presentes na definição freudiana da técnica analítica, que a caracteriza como um método que reconhece os fatos psíquicos da transferência e da resistência como a base para a influência que é exercida sobre o paciente, poderemos encontrar uma ampla formulação geral da psicanálise, segundo a qual o analista que conduz o tratamento figura, em cada caso, como um acontecimento individual, determinado e cronologicamente delimitado no interior do desenvolvimento da libido do paciente. Frente a esse processo que a libido percorre de modo automático, e que possui seu próprio tempo e suas próprias crises, o analista de fato nada tem a fazer, exceto intervir com vistas à correção quando encontra sinais

6 Na verdade, no lugar de uma apresentação literária da técnica analítica, o mais correto seria nos empenharmos por um programa detalhado e amplo do ensino e da instrução nas policlínicas de psicanálise, o único espaço no qual seria possível o aprendizado da técnica correta.